



DIRECTOR
AUGUSTO

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

DE SANTA
RITA



Nair e Manuela

POR BRANCA DA CONCEIÇÃO N. DE OLIVEIRA PINTO
DESENHOS DE ADOLFO CASTANÉ

NAÍR e Manuela, duas irmãs, brincam no amplo jardim que cerca o palacete de seus ricos papás.

Nair, a mais velhinha, tem treze anos; Manuela tem, apenas, quatro. E', portanto, muito mais pequenina.

Má como as cobras, a Manuelita entretém-se a tirar os olhos ao urso que o Menino Jesus, pelo Natal, lhe deu no passado ano. Nair repreende-a; mas a teimosa menina, indiferente aos seus atilados conselhos, continua entregue à sua destruidora tarefa.

— «Manuela — (diz lhe, então, Nair) — toma sentido! Olha que está a chegar o próximo Natal e a mamã já te disse que, se o Menino Jesus sabe que tu estragas todos os brinquedos que Ele te dá, nunca mais te oferecerá nenhum!»

Porém, Manuela, que nem a ouvia ou fingia não ouvir, continuava retalhando o pobre urso que, em breve, já não era o engraçado bonito que o Menino Jesus lhe havia posto no sapatinho mas, apenas, um monte de farrapos.

Então, em face de tal destrôço, a Manuelita desatou a chorar. O mal estava, contudo, feito e já não tinha remédio. Para se livrar de repreensões e de certos embaraços, lembrou-se, então,



MARIA PALMIRA

Por L H E T I N H A

Desenho de CASTAÑE

Conhecem a Palmirita?
Não conhecem, com certeza!
E' uma menina bonita
E com bastante esperteza.

Quási todos, em geral,
A tratam por Palmirita;
Só seu avô, paternal,
Lhe chama Mariasita.



Para a Gina, para a avó,
Para a madrinha, a Titi,
E mesmo para a Titó,
Ela é sempre a *Mi-Pa-Mi!*

Afinal, que distracção!...
Pois vinha p'ra lhes contar
Suas gracinhas que são
Bastante para admirar!

Se alguém lhe pedir um «chi»,
Ou mesmo um simples beijinho,
Dá-lhe logo, mesmo ali,
Com muita graça e carinho.

Inda há bem pouco, o Rogério
Lhe disse todo líru:
—«Faze o Comboio Mistério...»
E ela fez logo:—«U-u-u!...»

Se algum menino ruim,
Acaso lhe perguntar
Como é que vai a vidinha,
—«Que vai indo *achim, achim...*»
Responde sem se zangar,
A tão linda Palmirinha.

Uma bonequinha quiz...
Vai a *vózinha* comprou-a
Mas, mesmo assim, nunca diz
Que a vidinha lhe vai bôa!

Eu, então, só peço a Deus,
Que, quando p'la vida fóra,
Ela fór uma senhora
E esteja longe de mim,
Sejam sempre os males seus,
Os mesmos que tem agora;
E responda, muito embora,
Que vai indo assim, assim!...

F I M

de abrir uma cova e enterrar todos os bocadinhos do infeliz urso. Não o fez, porém, tão depressa, que Naír não desse por isso. Então, Naír, fingindo não haver reparado, perguntou-lhe que havia feito do urso. Manuela acabou por confessar-lhe a verdade, entre soluços, pedindo-lhe para a não desmentir, se a mamã lhe perguntasse por ele, pois tencionava dizer-lhe que havia sido roubado por um rapaz que lhe pedira esmola.

—«Oh, Manuela — (disse-lhe, então, a irmã, reprimendo-a muito) — tal não dirás! Não devemos ocultar coisa alguma a nossos pais e, bem assim, culpar seja quem fór, pois isso pode trazer-nos graves consequências.»

Manuela, sinceramente arrependida, prometeu não mais tornar e, subindo ao quarto da sua boa mãezinha, contou-lhe o que fizera ao urso que o Menino Jesus lhe dera pelo Natal e a mentira que pensara pregar. Então, a Mãe, muito satisfeita

com a sua espontânea confissão, deu-lhe muitos beijos e louvou-a pela sua atitude.

Chegou, finalmente, o novo dia de Natal. Manuela, mostra, sorridente, os lindos brinquedos que o Menino Jesus, novamente, lhe trouxera: — uma linda boneca e um urso igual ao que ela havia estragado.

Naír, como recompensa por haver sido uma boa aluna durante o seu terceiro ano do liceu e uma irmãzinha exemplar, recebeu um lindo estojo contendo uma colecção de lindas histórias entre as quais se contavam as *Meninas Modelos, Férias*, etc.

Desde então, Manuela tornou-se muito obediente e boa, o que deu, em resultado, tornar-se muito estimada por toda a gente.

F I M

TEIMOSIA

Por JULIÃO SELVAGEM

Desenhos de A. Castañê

Tininha,
Que tinha
Comprido cabelo,
Quiz vê-lo
Cortado,
Curtinho,
Rapado,
Atraz, no pescoço.

Chorou
e teimou;
E tanto gritou,
Que até comoveu
O pobre papá.

E lá convenceu
O pai,
A mamã...

E certa manhã,
Contente,
Lá vai
Ao cabeleireiro.

Cortaram primeiro,
A loira trancinha
Que tinha
A Tininha
E que a mamãzinha
Cuidava tão bem.

Ao vê-la cair,
Tininha tremia
De contentamento,
E a um tempo sorria!

Então, lentamente,
Passavam o pente,
No seu cabelinho
Sedoso, loirinho;
Levando na frente
Os seus caracois,
Rolando, rolando,
Apenas parando
No chão, entre os dois
Pésinhos da Tina
Teimosa, ladina.

Mas, nisto, ao espelho,
De rosto vermelho
Pela comoção,
Tininha.
Com mágoa,
De olhos rasos d'água,
Pôs-se a olhar, no chão,
A sua trancinha
Sedosa, loirinha.

E foi para casa;
Os olhos em brasa
De tanto chorar!

Na rua, passavam,
Paravam
Atraz,
Dizendo à Tininha,
Que, sem a trancinha,
Lembrava um rapaz...

Entanto, a travessa,
Mal em casa entrou,
Aos pais implorou:
Depressa, depressa,
Colai a trancinha
Na minha cabeça,
Da mesma maneira
Que eu, cá, outro dia,
Com gôma coleí,
A' minha boneca,
Uma cabeleira
Que quási caía!

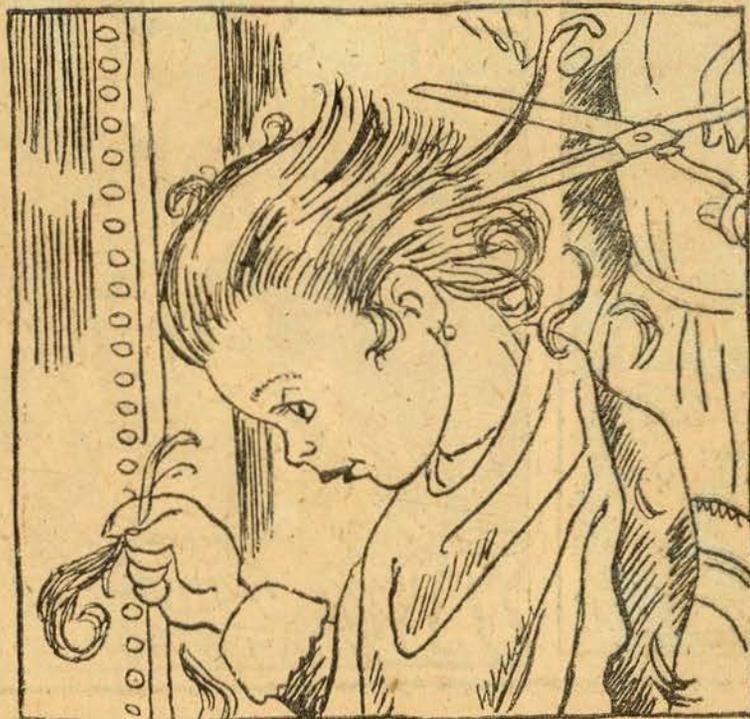
E o pai tanto ria,
E ria a mãesinha,
Que a pobre Tininha
Mais forte chorou.

Chorou
E teimou;
E tanto gritou,
Que até comoveu
O pobre papá.

Que troça sofreu,
A pobre Tininha!

Remédio não há
— Dizia a mãezinha —
Quizeste cortá-lo,
Teimosa Tininha,
Não podes colá-lo...

Bem arrependida
Tininha ficou,
De tanto teimar.
Sósinha, dorida,
Ao canto, a chorar,
Ela, então, jurou
Que, desde êsse dia,
Sómente faria
Apenas aquilo
Que o pai e a mãe
Dissessem estar bem!



F I M

AVENTURAS EXTRAORDINARIAS DE JOSE E TONINHO

Por JAIME CARDOSO SAMPAIO DE ANDRADE



José e Toninho, dois verdadeiros traquinas, sentados debaixo do caramachão do quintal, pensavam e discorriam sobre a maneira de construir um aeroplano que voasse como os «verdadeiros». Foi Toninho quem, primeiro, teve uma ideia: a um canto do quintal, estavam umas tábuas velhas e, com elas, iria tratar de improvisar um aeroplano.

— E o motor? — perguntou José que seguia, já, com curiosidade, todos os trabalhos do irmão.

O pequeno pensou; e, como resposta, correu a casa, voltando pouco depois com a máquina do gramofone. Tinha uma hélice de fôlha e aplicou tudo no lugar devido.

Resolveram que Toninho seria o mecânico e José o observador.

Uma vez, posta a máquina a funcionar, elevaram-se no espaço com rapidez vertiginosa...

Atravessaram extensos vales rutilantes de verdura e os cumes das mais altas montanhas, até que se lhes estendeu, por debaixo, o imenso oceano.

Quantos dias e noites voaram? Já não sabiam ao certo; mas o que era facto é que o parco farnel há muito havia sido comido...

Uma noite, Toninho ficou maravilhado, ao ver que, na superfície das águas, cintilavam umas luzes que pareciam irradiar de grandes pirilampus muito luminosos.

— São os *enocetus lineatos*, ou melhor, os «peixes voadores» — lembrou José, recordando-se das palavras do professor.

E' curioso. Pelo que vejo, há peixes com asas...

— Não. Graças às grandes barbatanas peitorais, em forma de asas, que possuem, elevam-se acima das águas, á altura de um metro aproximadamente, a-fim-de fugirem ao inimigo que os persegue no seio das ondas.

Porém, são tam infelizes que, geralmente, caiem na bôca de algum albatroz ou tubarão.

E, como sabes, tôdos os peixes têm grande quantidade de fosforescência, razão porque se tornam visíveis á noite.

Estavam nestas conjecturas e já haviam perdido a esperança de encontrar qualquer refúgio de salvamento, quando José, que perscrutava as sombras com olhos de linco, divisou uma facha negra, da qual se aproximavam.

— Uma ilha! uma ilha! — gritaram ambos com indefinida satisfação.

E o aeroplano, descrevendo graciosas curvas, desceu á altura duns 40 metros; o solo era sensivelmente plano e extenso, permitindo uma suave aterrágem. Foi o que fizeram.

*
* *

— Vês, além, um clarão no céu?

— Vejo sim. O que será?

— Provavelmente trata-se duma fogueira. E' o indício de que ali habita gente.

— E de que raça?

— Não sei; vamos á sorte de Deus!

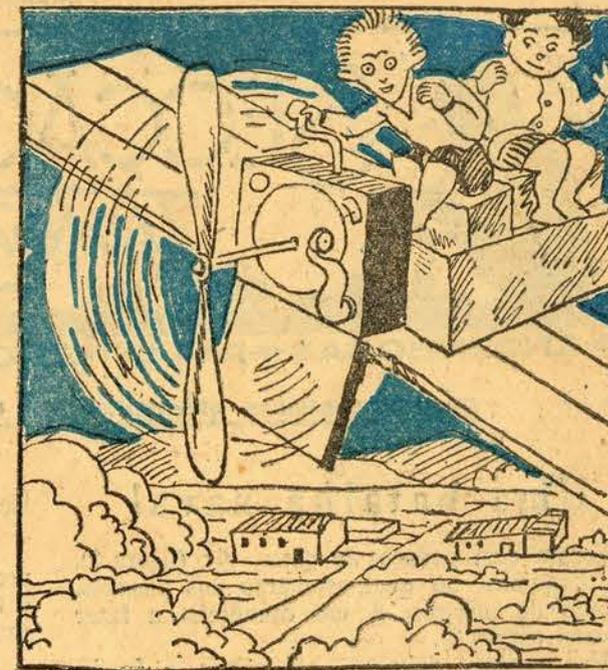
Os dois pequenos caminharam a direito, na direcção do clarão, tendo por vezes de escalar pequenas penedias. Ao fim duns vinte minutos de marcha e quando se encontravam no píncaro dum monte, avistaram, em baixo, uma grande planície, no meio da qual ardia uma fogueira; em redor desta, sentados, muitos homens negros, semi-nus e de feições horripilantes.

— Uma tribu selvagem! — gritou José detendo-se.

Toninho, porém, querendo certificar-se bem do que o irmão dissera, desceu; mas tam desastrosamente que, resvalando numa pedra, foi cair entre os selvagens.

Um grito unísono, de selvática alegria, ecoou lugubrememente no silêncio da noite, ao mesmo tempo que dois negros se levantavam e agarravam no pequeno. Prenderam-o com fortes cordas e levaram-o á presença do rei.

Este, um negro hercúleo, que ostentava na cabeça



um chapéu com penas de aves multicolores, num sorriso diabólico e, indicando uma cabana de côlmo, ali perto, disse, com voz de trovão:

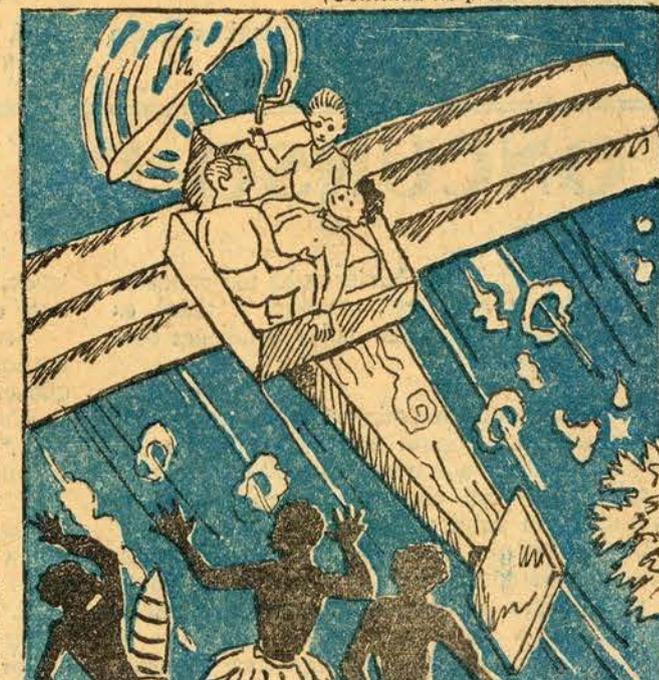
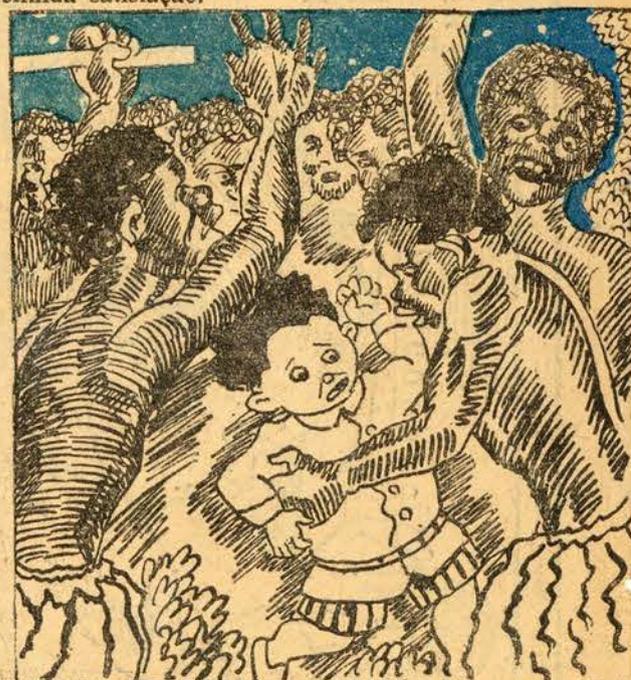
— «Branco pequeno poder dormir, acolá, sossegado. Mas, como brancos quererem mal, preto comer vivos os dois amanhã!».

Estas palavras produziram no pequeno um profundo abatimento. A quem mais se referiria êle? Seria a seu irmão que já, também, houvessem feito prisioneiro?!...

Tranquilizou-se, porém, quando viu estendido, no chão da cabana, um homem ainda novo, amarrado com grossas cordas.

Esperou que os pretos saíssem e, depois, voltando-se para êle, disse:

(Continua no próximo número)





SECÇÃO do Tiotónio

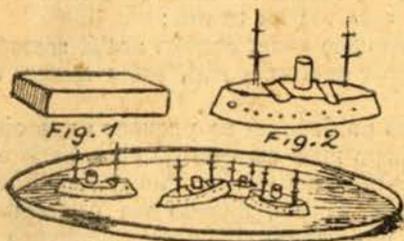
◀ ENGENHOCAS ▶ PASSATEMPOS ▶ ADIVINHAS ▶ JOGOS ▶

Duas engenhocas oferecidas por DANIEL ARRIAGA FERREIRA

Uma batalha naval

Façam com pedaços de gesso, giz, (figura 1), um barquinho, no qual espetarão uns pausitos, fazendo de mastros, e um canudinho a fazer de cano (figura 2).

Num prato, deitarão, até cobrir o fundo, vinagre forte e colocarão este, em cima de uma mesa, onde se irá travar a grande batalha naval.



Os barquitos são metidos, cuidadosamente, dentro do vinagre, os quais se cobrem de espuma, agitando-se e caminhando uns para os outros vertiginosamente.

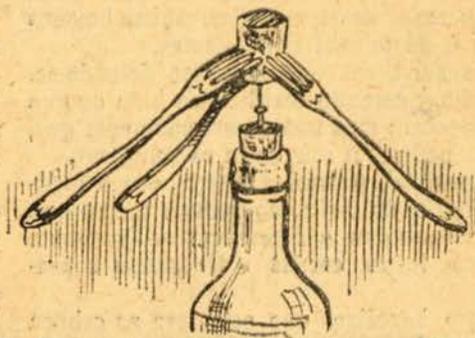
Dão a ilusão de um combate naval em que o vencedor é o último a ir abaixo.

Como se equilibra uma agulha sobre um alfinete

A' primeira vista, parece um absurdo esta pergunta. No entanto depois de a fazerem, verão o lindo efeito que produz e a facilidade com que este equilibrio se realiza.

Materiais necessários:

- 2 rólhas de cortiça.
- 3 garfos.
- 1 agulha.
- 1 alfinete.



A gravura indica, claramente, a forma de executar esta experiência.

CONCURSO DE ADIVINHAS

No próximo número, iniciar-se-há um concurso de charadas e adivinhas, acessível a todos os leitores do «Pim-Pam-Pum» cujas condições enumeramos a seguir:

A partir do próximo número, serão publicadas 10 charadas e adivinhas numeradas de 1 a 10. Destas charadas e adivinhas ser-nos-hão enviadas as soluções até ao sábado da semana seguinte em que forem publicadas.

Os leitores que adivinhem *todas* as charadas, serão considerados *campeões* e terão o seu nome ou pseudónimo no quadro de honra que publicaremos.

Os leitores que consigam conservar-se *campeões durante 5 números seguidos*, receberão, como prémio, um lindo livro de contos ou novelas

tendo, também, direito à publicação do seu retrato em lugar de destaque.

Sendo mais do que 3 os premiados, far-se-há um sorteio ao qual ficarão sujeitos os concorrentes que obtenham tal classificação.

Condições para concorrer.

1.º — Os concorrentes deverão ter menos de 15 anos de idade.

2.º — Concorrerão com um pseudónimo, mas é sempre necessário que na sua correspondência venha o nome e apelido completo, idade e morada.

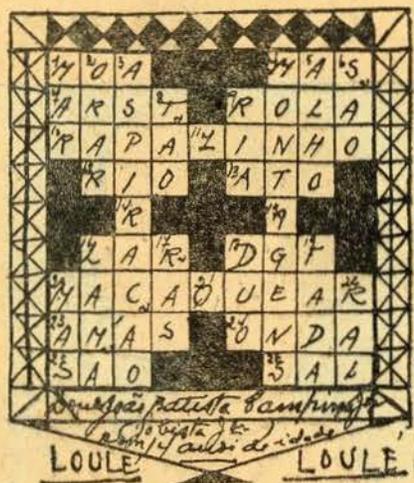
3.º — Numa folha de papel, alçaço vulgar, escreverão, ao alto, o nome, pseudónimo e morada e por baixo pela ordem numérica as soluções.

Estas soluções deverão ser enviadas a TIOTÓNIO. Rua do Século, 43. — Lisboa.

PALAVRAS CRUZADAS

ADIVINHA

DE
CI
FR
AC
ÃO
DO



PRO
BLE
MA
AN
TE
RI
OR



CORRESPONDÊNCIA

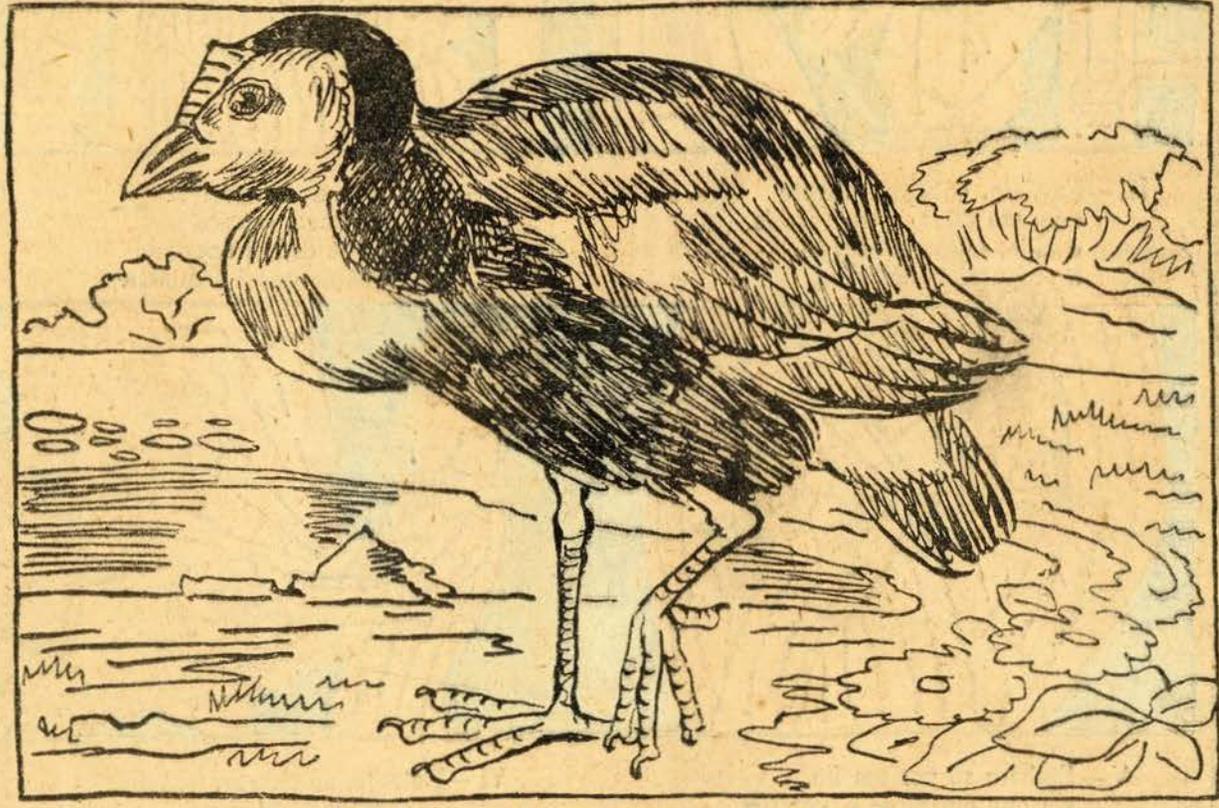
Renato Pereira Coelho (Beja).—Aprendiz (Anadia).—
A mesma resposta que ao vosso «primo» Paipes.

Paipes (Lisboa). — Os meus melhores agradecimentos
por tudo o que enviaste. «Pim-Pam-Pum» é um jornal
para os miúdos e, por essa razão, é preciso evitar as cha-
radas e problemas complicados, que têm, em outros jor-
nais para adultos, as suas secções. Vou examinar os teus
e depois falaremos.

Um abraço de velha amizade. Teotonio

Meus meninos: Estas armaduras pertencem a um an-
tiquário que se encontra perto. Vejam se o descobrem.

PARA OS MENINOS COLORIREM



O PORFIRIO AZUL

A irreverência do Acaso



I — O tio Mário, de Eugénio, (seu sobrinho predilecto) é um senhor circunspecto, muito grave e com mau génio.

II — No dia do aniversário de seu tio, Eugéniozinho dispõe-se a ir, de caminho, felicitar tio Mário.



III — Eugénio, entanto, reflecte que não estava bem vestido, e ei-lo, todo presumido, a preparar a «toilette».

IV — Mas, logo, após envergar um fato novo, estreado, notou que estava apertado e um botão quasi a estalar.



V — Embora só por um fio, viu que era tarde e, por fim, resolveu ir, mesmo assim, felicitar o seu tio.

VI — Entanto, ao chegar, mal diz: — «Parabens, meu tio! . . . » abala o botão, como uma bala e lhe acerta no nariz.